

Primeira escrita alfabética e leitura da língua Noke Koin

First alphabetic writing and reading Noke Koin Language

*Flávia Leonel Falchi**

** Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)/ CAPES*

Resumo: Este trabalho objetiva apresentar um estudo sobre a primeira escrita alfabética da língua Noke Koin, uma língua indígena Páno falada na Amazônia brasileira. A primeira escrita alfabética dessa língua foi elaborada pelos missionários protestantes pertencentes à organização estadunidense Missão Novas Tribos. Esses missionários, segundo Martins (2006), vão morar junto aos Noke Koin a partir de 1972. Como aponta Monte (1987), os missionários tinham para com esses índios o cruel objetivo de pregação. A Missão Novas Tribos passa a cuidar da educação escolar nas aldeias, elaborando cartilhas para serem usadas na escola. Nessas cartilhas, os missionários escrevem em conformidade com a escrita elaborada. Tendo-se em vista que não há nenhum registro que detalhe a primeira proposta de escrita alfabética para o Noke Koin, o presente trabalho tem a finalidade de descrever essa proposta a partir da escrita que se encontra nas cartilhas da Missão Novas Tribos, os primeiros materiais publicados que usam essa escrita. Assim, este trabalho trata dos grafemas empregados, da acentuação, do estabelecimento de espaços em branco, da pontuação e do uso de maiúsculas e minúsculas. Ademais, abordam-se aspectos da escrita proposta que dificultariam o letramento dos Noke Koin, bem como se trata do significado que a leitura e a escrita ganham entre os Noke Koin.

Palavras-chave: Família Páno. Noke Koin. Katukina. Escrita. Leitura. Missão Novas Tribos.

Abstract: This work aims to present a study on the first alphabetic writing system of the Noke Koin language, a Panoan indigenous language spoken in the Brazilian Amazon. The first alphabetic writing system of this language was elaborated by the protestant missionaries belonging to the North American New Tribes Mission. These missionaries, according to Martins (2006), went to live with the Noke Koin in 1972. As Monte (1987) points out, the missionaries had the cruel objective of preaching to these Indians. The New Tribes Mission started taking care of the school education in the villages, elaborating primers to be used in school. In these primers, the missionaries write according to the elaborated writing system. Considering that no record detailing the first proposal for alphabetic writing for the Noke Koin exists, this work aims to describe this proposal starting with the writing system in the New Tribes Mission primer, the first material published with this writing system. Thus, this work deals with the graphemes employed, accentuation, establishing blank spaces, punctuation and the use of upper case and lower case. Moreover, aspects of the proposed writing system are approached which would make the literacy of the Noke Koin difficult, as well as dealing with the significance that reading and writing gain among the Noke Koin.

Keywords: Panoan family. Noke Koin. Katukina. Writing. Reading. New Tribes Mission.

Introdução

O grupo indígena Noke Koin fala uma língua pertencente à família Páno, família formada por grupos indígenas que vivem no Brasil, no Peru e na Bolívia. No Brasil, os grupos Páno se encontram no Acre, no Amazonas e em Rondônia. Os Noke Koin vivem no Brasil, no estado do Acre, em duas terras indígenas na região do rio Juruá: Terra Indígena Rio Gregório e Terra Indígena Campinas/Katukina. Ambas as terras se localizam no município de Tarauacá.

Na literatura, os Noke Koin ficaram conhecidos pelos etnônimos Katukina e Vitxináwa. Contudo, recentemente esses índios assumem a denominação Noke Koin como nome do grupo.

A língua Noke Koin é falada por todo o grupo indígena. O português é usado apenas com não índios. Na aldeia, a língua empregada é a indígena. Mulheres e crianças apresentam dificuldades no domínio da língua portuguesa e apenas os homens adultos dominam a língua majoritária (LIMA, 2000a; MARTINS, 2006; AGUIAR, 2007; JARDIM, 2007; GÓES, 2009).

A primeira escrita alfabética da língua desse grupo foi elaborada pelos missionários da Missão Novas Tribos do Brasil (MNTB), uma organização protestante estadunidense. Propostas posteriores de escrita alfabética para a língua foram feitas por Aguiar (1994b) e pela Comissão Pró-Índio do Acre (CPI-AC).

Kato (1986, p. 139) define escrita como “sistema ortográfico, ideias codificadas na modalidade escrita”. Morais (1996) traz a definição de ortografia como a convenção empregada numa língua. Uma escrita alfabética diz respeito, conforme Coulmas (1999), a um sistema em que a língua é registrada através de um conjunto de letras – signos elementares que constituem uma escrita baseada na fonética – ou por outro meio historicamente similar. O presente trabalho tem o objetivo de descrever esse sistema proposto pela Missão Novas Tribos para a língua Noke Koin, já que não foi divulgado nenhum material que detalhe a escrita elaborada. As explicações dos missionários acerca dessa escrita se restringem a uma pequena seção introdutória que aparece nas cartilhas escritas por eles para serem usadas na alfabetização dos Noke Koin. Essas cartilhas (MISSÃO NOVAS TRIBOS, 1975a, 1975b, 1977a, 1977b, 1982a, 1982b, 1982c, 1982d) correspondem aos primeiros materiais publicados que fazem uso da primeira escrita alfabética da língua Noke Koin.

Para a realização do estudo, a escrita presente nessas cartilhas foi analisada a fim de ser aqui descrita. Nessa análise, a estrutura da língua Noke Koin foi também considerada com a finalidade de identificar aspectos da escrita que poderiam dificultar a leitura e a escrita para os indígenas. Para isso, são usadas para essa análise as descrições já realizadas pelos

estudiosos da língua Noke Koin: Rivet (1920), Rivet e Tastevin (1927, 1929), Paula (1969?), Oliveira (1985a, 1985b), Aguiar (1985, 1986, 1988, 1993a, 1993b, 1993c, 1994a, 1994b, 1995, 1996, 1997, 2001a, 2001b, 2002, 2003, 2011), Barros (1987), Lima (1997, 2000a), Lanes (2000, 2005), Abreu (2008), Falchi e Aguiar (2011, 2012a, 2012b, 2013a, 2013b, 2017), Falchi (2011, 2012, 2013, 2015) e Barbosa (2012).

Neste trabalho, leitura é tida como “a transformação da representação sensorial de uma mensagem escrita na representação do seu sentido e da sua pronúncia, o que permite compreender a mensagem e dizê-la em voz alta” (MORAIS, 2013, p. 57).

O presente trabalho se organiza em seis seções. A seção que segue diz respeito à forma de atuação dos missionários entre o grupo Noke Koin. A seção 3 trata da escrita da língua Noke Koin propriamente dita. Essa seção se encontra subdividida em quatro outras: a primeira descreve os grafemas da escrita; a segunda, a acentuação; a penúltima, aborda os espaços em branco; e a última diz respeito à pontuação e ao emprego de maiúsculas e minúsculas.

Na seção 4, abordam-se as dificuldades para o letramento identificadas na escrita dos missionários. A seção que antecede as Considerações Finais trata dos significados do letramento na cultura Noke Koin. Segue, então, a seção 2 deste trabalho.

1 A atuação da Missão Novas Tribos no grupo Noke Koin

Monte (1987) assinala que os grupos indígenas do Acre e do Sudoeste do Amazonas viveram relações de dominação em sua história de educação escolar. Dentre as agências responsáveis por isso, estão as “Missões de Fé” a partir da década de 1960, principalmente a Missão Novas Tribos.

Os missionários americanos da Novas Tribos chegaram ao rio Gregório antes mesmo da demarcação da terra indígena na região. Monte (1987) diz que a Missão estabeleceu dois postos na área do rio Gregório, instalando também duas escolas: uma na aldeia dos Noke Koin e outra entre os Yawanawá, um grupo indígena de mesma família linguística.

A Missão Novas Tribos se estabelece entre os Noke Koin em 1972 (MARTINS, 2006). De acordo com Lima (2000b), os missionários passam, então, a morar no rio Gregório junto aos índios Noke Koin, ficando esses índios permanentemente expostos aos valores religiosos e morais dos missionários. Segundo Martins (2006), os missionários foram por um longo tempo a forma que os Noke Koin do Gregório tinham para conseguir mercadorias.

O autor diz que, no ano de 2001, os missionários se transferem da Terra Indígena Rio Gregório para a Terra Indígena Campinas/Katukina quando todos os Noke Koin do Gregório mudam para o Campinas por desavenças com os Yawanawá. Os missionários passam a morar, como afirma Góes (2009), numa área próxima à Terra Indígena Campinas/Katukina e não na própria terra indígena. Martins (2006) coloca que os cultos passam, então, a ser realizados nessa área indígena, além de atendimentos de saúde prestados pelos missionários.

Lima (2000b) traz que, até 1999, os índios da Terra Indígena Rio Gregório eram alfabetizados pelos missionários. Monte (1987, p. 13) ressalta que

a escola dos missionários é inicialmente monolíngue. Utiliza cartilhas de alfabetização e livros de leituras nas diversas línguas dos grupos onde atuam. Esgotados os conteúdos didáticos destes materiais, que não vão além da apresentação das palavras geradoras e das famílias silábicas destas línguas, agrupadas em frases ou em textos bíblicos e/ou hinos traduzidos, a escola faz brusca passagem para a língua portuguesa. Adotam então o programa oficial da Secretaria de Educação Municipal, submetendo suas turmas ao mesmo sistema de ensino/aprendizagem: desde a seriação das turmas, até o calendário e a forma de avaliação dos conteúdos [...].

Lima (2000b) aponta, na época, que todos os serviços de saúde da Terra Indígena Rio Gregório são oferecidos pela Missão Novas Tribos. Os missionários realizam, nessa terra indígena, atendimentos duas vezes ao dia – no início da manhã e no fim da tarde – e atendem casos de emergência fora desses horários. Em casos graves, os missionários chegam a transportar por avião os índios à cidade mais próxima. Para os serviços prestados na educação, a Missão Novas Tribos construiu uma escola na Terra Indígena Rio Gregório, onde as aulas eram ministradas. O espaço também serve para as atividades de catequização das crianças. De acordo com Monte (1987, p. 13),

a escola dos missionários é um dos mecanismos usados para legitimar sua presença nas áreas, conquistando a confiança dos grupos, dominando-lhes a língua e devolvendo-a escrita, com o objetivo de “salvar-lhes as almas”. A língua do grupo escrita, é, pois, oferecida “em escambo” aos próprios falantes, como símbolo do poder/saber dos missionários, que, em troca, pedem-lhes o abandono de suas crenças e a adoção da religião evangélica.

Para a conversão, como é de praxe, era necessário que houvesse uma tradução da Bíblia para a língua indígena, estando aí a necessidade por parte do missionário de que a língua indígena tivesse uma escrita.

Na cultura do grupo indígena Noke Koin, o conhecimento provém das *rono yuxin*, que são os espíritos das cobras grandes da floresta, cobras como a jiboia e a sucuri (GÓES, 2007). Segundo Lima (2000a), a religião tradicional dos Noke Koin tem como base os espíritos dessas cobras. Como coloca um índio Noke Koin: “foi cobra (*rono yuxin*) que ensina tudo, ensina reza, ensina virar pajé, ensina as plantas que a cobra plantou”¹. O conhecimento é, pois, detido pelas *rono yuxin* e somente transmitido aos Noke Koin.

Falchi e Aguiar (2017) estabelecem que as *rono yuxin* ocupariam na cultura Noke Koin posição similar à ocupada por Deus para o missionário. A Missão Novas Tribos tentou impor Deus aos Noke Koin, buscando os converter ao protestantismo e desrespeitando sua cultura indígena.

Apesar do objetivo de pregação, os missionários têm o mérito de terem elaborado a primeira escrita alfabética da língua Noke Koin, escrita que passa a ser detalhada na seção que segue.

2 A escrita da língua Noke Koin elaborada pela Missão Novas Tribos

De acordo com Corbera (1997, p. 24), na elaboração de escritas de línguas indígenas, “como princípios científicos são considerados os fatores de tipo linguístico, pedagógico, psicolinguístico e prático; já as variáveis externas que intervêm na elaboração dos sistemas ortográficos são tratadas como fatores extralinguísticos”.

O autor assinala que critérios sistemáticos da teoria linguística devem fundamentar a elaboração da escrita. A elaboração deve fazer uso de descrições acerca da fonologia, da gramática e do léxico da língua indígena.

Corbera (1997, p. 25) explica que, na elaboração de escrita para línguas indígenas, “as grafias selecionadas devem representar os fonemas da língua; as variações alofônicas e de registro não são representadas”. A seguir, na seção 3.1, trata-se do estabelecimento dos grafemas pela Missão Novas Tribos, estabelecimento que tomou como base a fonologia da língua. Nas seções que seguem a próxima, outros aspectos da escrita dos missionários são abordados: a seção 3.2 trata da acentuação e as que seguem esta abordam o emprego de

¹ Trecho retirado de Góes (2007).

espaços em branco, pontuação e uso de maiúsculas e minúsculas na escrita elaborada pelos missionários.

2.1 Grafemas

Para o estabelecimento dos grafemas, a Missão Novas Tribos teve de inicialmente elaborar um estudo fonológico da língua Noke Koin. Todavia, o estudo fonológico realizado pelos missionários não foi divulgado até então. Os missionários podem ter sido os primeiros a descrever a língua Noke Koin se o ano do trabalho fonológico de Paula (1969?) estiver equivocado. Isso porque se considera, no presente trabalho, o ano de 1969 como sendo o ano do manuscrito dessa autora, mas há dúvidas quanto à data desse trabalho, já que nele consta o ano de 1976 escrito na parte destinada à língua Noke Koin. Entretanto, como ainda não se encontra definida qual realmente é a data do material de Paula, que é um caderno à mão acerca de diferentes línguas indígenas, optou-se por considerar no presente trabalho o ano que consta para o manuscrito no cadastro do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), lugar em que o estudo de Paula foi encontrado.

Acerca do estabelecimento dos grafemas, Corbera (1997, p. 28) coloca que “casos de nacionalismos dos governos oficiais, e também por parte das pessoas leigas, entram, muitas vezes, em confronto com os critérios estritamente linguísticos no desenvolvimento de uma escrita”. Como exemplo, o autor aponta a afirmação frequentemente feita por pessoas alheias à Linguística de que a escrita estabelecida para as línguas indígenas é semelhante à escrita da língua inglesa. Assim, por exemplo, a presença de <ng> na escrita de uma língua indígena para a nasal velar e dos grafemas <w> e <y> é interpretada como uma procura por parte do linguista em estabelecer uma escrita que pareça o inglês. No caso da escrita elaborada pela Missão Novas Tribos para a língua Noke Koin, pode ser que a presença de grafemas como <w> e <y> se deva ao lugar de origem dos missionários, os Estados Unidos da América. Talvez esses missionários tenham tomado como base da formulação da escrita Noke Koin a escrita do inglês, diferentemente do que aponta Rosa (2013) para o trabalho dos jesuítas no Brasil no final do século XVII, em que a escrita do português foi tomada como base.

A partir da pesquisa sobre a língua Noke Koin realizada pela Missão, foi estabelecido um alfabeto composto por 16 letras:

a
e
h
i
k
m
n
o
p
r
s
t
v
w
y
,

As cartilhas da Missão, como já mencionado, apresentam uma parte inicial onde há uma breve explicação a respeito da escrita elaborada. Na seção assim destinada na cartilha, os missionários apresentam o alfabeto, buscando explicar também o som correspondente a cada uma das letras. Toda essa seção aparece escrita em português, visto que, como já foi dito, os missionários objetivavam, de acordo com Monte (1987), alfabetizar na língua indígena e, em seguida, ensinar a língua portuguesa aos índios. Dessa forma, nas cartilhas analisadas no presente trabalho, há escrita em Noke Koin e em português.

Os missionários procuram, através dos sons das letras do alfabeto português ou francês, explicar o som que cada letra do alfabeto indígena tomaria. Tendo-se em vista isso, afirmam nas cartilhas que “a maior parte tem o mesmo valor que em português [...]” (MISSÃO NOVAS TRIBOS, 1977a, 1977b, 1982a, 1982b, 1982c, 1982d, p. 2-3). Na sequência, apresentam as letras que não são pronunciadas tal como em português.

Segundo eles, o grafema <e> do Noke Koin é pronunciado “quase fechado, como o eu francês, mas com os lábios retraídos” (MISSÃO NOVAS TRIBOS, 1977a, 1977b, 1982a, 1982b, 1982c, 1982d, p. 2). Trata-se da vogal central, muito fechada e não arredondada.

No que diz respeito à letra <h>, esta também não segue o português, sendo “uma aspiração quase imperceptível” (MISSÃO NOVAS TRIBOS, 1977a, 1977b, p. 2), “é a fricativa glotal surda. É semelhante ao rr e ao r inicial das palavras em certas regiões do Brasil. É uma fricativa lenta [...]” (MISSÃO NOVAS TRIBOS, 1982a, 1982b, 1982c, p. 2). Assim, essa letra teria o som de [h] no Alfabeto Fonético Internacional.

Quanto a <'>, esta equivale também a uma glotal, como apontam os missionários. É uma consoante que corresponde à oclusiva glotal surda, não havendo na língua portuguesa um som parecido. Parte das descrições do Noke Koin já realizadas não assume essa glotal como um fonema da língua, sendo apenas um fone consonantal. As dificuldades no estabelecimento dos fones e fonemas do Noke Koin ainda é um problema atual, como mostra Falchi (2013). Diferentes pesquisadores já ingressaram nessa tarefa, havendo divergências entre eles.

A letra <v>, afirmam os missionários para a escrita indígena: “é uma fricativa bilabial sonora. É semelhante ao v do português, mas pronunciado com os dois lábios” (MISSÃO NOVAS TRIBOS, 1977a, 1977b, p. 2). Em cartilhas anteriores (MISSÃO NOVAS TRIBOS, 1975a, 1975b), a escrita de [β] se dava com e não com o grafema <v>.

Quanto à letra <r> do Noke Koin, os missionários afirmam que, mesmo quando se encontra no começo de uma palavra, ela corresponde ao som do <ɾ> intervocálico do português. Em cartilha um pouco mais recente (MISSÃO NOVAS TRIBOS, 1982b, 1982c, p. 2), os missionários assumem que “equivale ao r intervocálico do português exceto quando segue o i contínuo, sendo seguido por qualquer vogal menos i. Neste caso torna-se a fricativa alveo-palatal sonora (ʒ)², ou a semi-vogal palatal sonora (y)”. Nenhum dos demais estudiosos do Noke Koin descrevem alofones para /r/. Na escrita, o grafema <s> diz respeito ao <ss> da língua portuguesa.

Dentre as exceções em relação aos sons das letras do português, os missionários incluem também o grafema <a> do Noke Koin. Conforme eles, é sempre pronunciado como o <a> na palavra *pato*, o que poderia ser questionado com base nas outras descrições da língua Noke Koin já realizadas acerca do acento – como Oliveira (1985a), Aguiar (1985, 1994b) e Barros (1987). Somando-se a essas descrições, há a própria afirmação da Missão Novas Tribos (1977a, 1982a) sobre a sílaba tônica do Noke Koin. Nas cartilhas, os missionários assumem que há apenas uma sílaba tônica na palavra, como é esperado na teoria linguística que haja apenas um acento primário. No Noke Koin, nem sempre a vogal /a/ terá o som de uma vogal tônica, uma vez que, de acordo com Falchi e Aguiar (2011), a vogal /a/ pode ocorrer em posição anterior ou posterior à tônica, bem como contiguamente a /w/, numa mesma sílaba.

A letra <k>, segundo a proposta de escrita da língua (MISSÃO NOVAS TRIBOS, 1982a, 1982b, 1982c, p. 2), “equivale sempre ao c e qu do português”. Em proposta presente em cartilha anterior (MISSÃO NOVAS TRIBOS, 1975a, 1975b), a escrita se dava com <qu>

2 Os parênteses são usados nessa época para a representação de fones.

para <i> e <e> e com <c> para as demais vogais.

Os missionários analisam [w] como um fonema consonantal. Para <w>, colocam: “semi-vogal labial sonora. Equivale ao u do português nas palavras e expressões como guarda, uáu [sic] e ué, mas funciona como consoante” (MISSÃO NOVAS TRIBOS, 1982c, p. 3). Quanto a [y], colocam: “semi-vogal alveopalatal sonora. Corresponde ao i do português nas palavras como ioiô e ieiê, mas funciona como consoante” (MISSÃO NOVAS TRIBOS, 1982c, p. 3).

A Missão Novas Tribos (1977a, 1977b) descreve que <o> é pronunciado apenas como [o]. Na época, os missionários não identificam, portanto, na língua [u] e os demais alofones que compõem junto ao fone [o] um único fonema, tendo sido o fone [u] descrito em Paula (1969?), bem como em trabalhos de estudiosos que sucedem o dessa autora. Contudo, em cartilhas um pouco mais recentes (MISSÃO NOVAS TRIBOS, 1982a, 1982b, 1982c, p. 2), os missionários apontam que a letra <o> “equivale ao o fechado em português, mas há uma flutuação em certos ambientes ao u, mas não como no português mesmo”. O que de fato determina todos os alofones desse grafema ainda não foi descrito pelos estudiosos do Noke Koin. Porém, como já era esperado, sabe-se que a tonicidade da sílaba é responsável pela variação entre [u] ~ [ʊ], como analisam Falchi e Aguiar (2011) para essa língua.

Além das letras anteriormente expostas, os missionários estabelecem dígrafos para designar sons da língua. Dentre esses dígrafos, encontram-se <ch> e <nh>, que equivalem aos mesmos sons do português. Inicialmente, a fricativa alveopalatal foi escrita por <x>. O dígrafo <nh> deixou de ser usado nas últimas cartilhas publicadas. Isso porque, segundo os missionários, o grafema <n> “equivale ao n do português exceto quando segue o i contíguo, sendo seguido por qualquer vogal menos i em qual caso torna-se o nh do português. Devido à fonologia de katukina esta diferença não é escrita”³ (Missão Novas Tribos, 1982b, p. 3).

Como dígrafo, além de <ch>, há <tx>, que os missionários não listam como um dígrafo ausente na grafia do português. O dígrafo <tx> é usado pelos missionários para a africada alveopalatal. Para a caracterização do som dessa africada, os missionários dizem que muitos brasileiros a usam na palavra *tia* do português e no <tch> da palavra *tcheco*. Outro dígrafo da escrita da Missão Novas Tribos é <sh>, que como descrevem os missionários, “é um ch com a ponta da língua elevada para trás” (MISSÃO NOVAS TRIBOS, 1977a, 1977b, p. 2). Tal som corresponde à consoante fricativa retroflexa da língua. Ademais, é listado como dígrafo <ts>, que também é uma africada, a alveolar.

Para os missionários, os alofones dos fonemas consonantais no Noke Koin são

3 Nota-se neste trecho o português escrito como L2 dos missionários estadunidenses. Como as aulas eram dadas pelos missionários, observa-se que esses ocupavam sempre a posição de professores de uma L2, seja o português, seja o Noke Koin.

dependentes de haver ou não uma nasal antecedendo esses fonemas. Se há um contexto nasal, os alofones consonantais realizados serão sonoros. Caso contrário, serão surdos:

Se um [sic] vogal é nasalada, o [sic] seguinte consoante muda-se.
 Quando um [sic] vogal nasalado [sic] procegue [sic] um “p”, o “p” muda-se para um “b”, não fricativo.
 Quando for um “t”, muda-se para o som “d”.
 Quando for um “c”, muda-se para o som “g”. (MISSÃO NOVAS TRIBOS, 1975b, p. 1)

Se a escrita missionária do Noke Koin estabelecesse uma relação biunívoca que incluísse todos os fonemas em seu conjunto de grafemas, o inventário fonológico proposto pelos missionários poderia ser aqui reconstituído. Esse inventário contaria com 20 fonemas, sendo 16 consonantais e 4 vocálicos. Os supostos quadros vocálico e consonantal da descrição fonológica da língua Noke Koin feita pela Missão Novas Tribos ficam, então, como a seguir:

Quadro 1 - Possíveis vogais do Noke Koin descritas pela Missão

	ANTERIOR	CENTRAL	POSTERIOR
MUITO FECHADA	i	ɨ	o
MUITO ABERTA		a	

Quadro 2 - Possíveis consoantes do Noke Koin descritas pela Missão

	BILABIAL	DENTAL	ALVEOLAR	RETROFLEXA	ALVEOPALATAL	PALATAL	VELAR	GLOTAL
OCCLUSIVA	p	t					k	ʔ
NASAL	m	n						
TEPE			r					
AFRICADA	β		ts		tʃ			
FRICATIVA			s	ʂ	ʃ			h
APROXIMANTE	w					j		

De acordo com Corbera (1997), o estabelecimento de relações biunívocas entre fonemas e grafemas na elaboração de escritas para línguas indígenas não deve ser tomado como o princípio mais relevante. Mais importante é que a escrita proposta tenha sido elaborada em conformidade com uma dada língua indígena, codificando-a adequadamente segundo as características desta.

Ademais, Corbera (1997) aponta que nas escritas de línguas indígenas não há uma atenção devida aos empréstimos. Esses devem ganhar uma grafia com base na língua indígena. Nas cartilhas Noke Koin, os empréstimos foram encontrados sem adaptação para a língua indígena. Corbera (1997, p. 31), para as línguas indígenas em geral, ressalta que

os textos de leitura elaborados para os alunos das escolas indígenas apresentam muita assistemática na representação dos empréstimos. Se o objetivo é revalorizar a língua indígena, a escrita dos empréstimos deve seguir a fonética e a ortografia que lhe sejam próprias.

2.2 Acentuação

O inventário de fonemas acima estabelecido poderia ser duplicado no que se refere às vogais. Há autores, como Aguiar (1994b), que consideram que no Noke Koin não há vogais nasais, mas vogais que foneticamente foram nasalizadas por antecederem contiguamente um arquifonema nasal, semelhantemente ao que propõe Camara Júnior (2008) para o português. Também há autores, a exemplo de Barros (1987), que consideram que o Noke Koin possui vogais nasais de fato. Na escrita da Missão, há palavras com <n>, como se houvesse um fonema consonantal em coda nasalizando a vogal que o antecede; e há vogais que recebem um til, como se tivessem sido interpretadas como vogais verdadeiramente nasais. Assim, a escrita da Missão ora é feita com til, ora tem a representação de que as vogais não sejam nasais, mas nasalizadas por um arquifonema.

Os missionários afirmam que “a regra geral é que a sílaba tônica é a segunda sílaba da palavra” (MISSÃO NOVAS TRIBOS, 1977a, 1977b, 1982a, p. 2; 1982b, 1982c, p. 3), “o acento da palavra é sempre no [sic] segundo [sic] vogal” (MISSÃO NOVAS TRIBOS, 1975b, p. 1). Para Aguiar (1988), o acento da língua Noke Koin aparece sistematicamente na última sílaba da palavra, não tendo capacidade distintiva e não sendo, portanto, fonológico. De acordo com Aguiar (1994b), a maioria das palavras do Noke Koin apresenta duas sílabas. Falchi (2015, p. 49), com base nessa autora, define palavra na língua Noke Koin como

uma sequência de sons que possui duas sílabas e acento oxítono, podendo apresentar itens afixais que lhe acrescentam uma sílaba cada e podendo também, no caso de palavras compostas, toda essa estrutura ser repetida por quantas vezes for o número de raízes, sendo o acento principal sempre na última sílaba.

Tendo-se em vista isso, provavelmente os missionários consideram como segunda sílaba da palavra a última sílaba, lugar em que o acento ocorre nessa língua indígena. Como o acento não é fonológico, as palavras do Noke Koin não recebem acento na escrita formulada pelos missionários. Aparece como exceção o til no caso da nasalidade, mas ele não é usado para marcar tonicidade da língua. Exceto o til, a escrita elaborada pelos missionários não apresenta, desse modo, acento gráfico.

2.3 Espaço

Os espaços em branco no Noke Koin são colocados na escrita dos missionários entre os morfemas livres da língua. Dessa forma, não são colocados espaços quando diz respeito a um morfema preso.

Quando o grafema <'> se encontra no final de palavras, o espaço em branco é suprimido. O espaço também é eliminado quando há o processo fonológico de sândi que ocorre entre os morfemas de tempo, que não são presos na língua (ver AGUIAR, 1994b; FALCHI, 2015), e a palavra que os antecede na sentença.

Corbera (1997) aponta ser problemática a ortografia de palavras compostas na elaboração de uma escrita para as línguas indígenas, uma vez que a noção de composto está ligada à lexicalização do significado. Na escrita elaborada pela Missão Novas Tribos, as palavras compostas são escritas sem espaço entre as raízes ou com espaço entre elas.

2.4 Pontuação, maiúsculas e minúsculas

A vírgula foi empregada nas cartilhas para advérbio e separação de orações coordenadas. Quanto ao seu emprego em sequências de nomes como “mamão, macaxeira, pupunha e cará”, que em Noke Koin é escrita como “shōpanō, atsanō, wanĩnō, po'ano'ã” (MISSÃO NOVAS TRIBOS, 1982c, p. 27 e 37), a vírgula é empregada até mesmo para o último nome. Porém, sequência como essa pode ser encontrada no material das Novas Tribos sem o emprego de vírgula. Vale observar que a escrita e a leitura do Noke Koin são feitas da

esquerda para a direita.

O ponto final é usado tanto para sentenças declarativas, quanto para negativas. Há o emprego também do ponto de exclamação. Além dessa pontuação, há o ponto de interrogação nas sentenças interrogativas.

Como descrevem Oliveira (1985b), Aguiar (1988, 1994b) e Falchi e Aguiar (2013b), a língua Noke Koin possui as sentenças interrogativas expressas morfossintaticamente, isso é, há um morfema na língua responsável por essas sentenças. Esse morfema corresponde ao clítico =ra.

A escrita elaborada pela Missão Novas Tribos acaba sendo redundante no emprego do ponto de interrogação, uma vez que a presença do clítico na sentença já designaria que se trata de uma interrogativa. O ponto de interrogação na escrita do Noke Koin tem a função de marcar o término da sentença, da mesma forma que o ponto final e de exclamação. Assim, a pontuação na escrita da Missão Novas Tribos tem função sintática.

As letras iniciais de sentenças não recebem necessariamente caixa alta, podendo ser escritas com letra minúscula. Isso se torna possível devido ao emprego do ponto final, de exclamação e de interrogação no final da sentença. Através dessa pontuação, o término da sentença já aparece marcado, não havendo necessidade de uma dupla marcação de limite sentencial com maiúsculas. Ademais, os nomes próprios podem ser escritos com a inicial maiúscula ou minúscula.

A seção a seguir trata das dificuldades que a opção de escrever os nomes próprios com inicial minúscula imporia ao letramento dos indígenas Noke Koin, bem como aborda outras dificuldades para a escrita e leitura causadas pelas decisões tomadas pelos missionários para a escrita da língua indígena.

3 Aspectos da escrita da Missão Novas Tribos que dificultariam o letramento

Segundo Kato (1986, p. 140), letramento diz respeito ao “processo ou efeito da aprendizagem da leitura e da escritura”, sendo escritura entendida pela autora como “ação/processo de escrever palavras, sentenças, textos”.

Considerando-se as características da escrita da língua Noke Koin anteriormente expostas, observa-se que o uso dos dígrafos <nh> e <sh> poderia trazer dificuldades para a leitura. O dígrafo <nh>, no entanto, como já mencionado, deixou de ser usado na escrita presente nas últimas cartilhas.

Como foi exposto na seção 3, as letras <n>, <s> e <h> existem na escrita da língua para outros sons que não os do dígrafo. Os fonemas correspondentes a <n> e <s> podem ser coda de sílaba nessa língua, como apontam, por exemplo, as descrições de Oliveira (1985a) e Aguiar (1988). Como esses fonemas podem ocupar a posição de coda, as letras <n> e <s> podem ser lidas, por equívoco, como ocupando essa posição em contextos em que, na verdade, são dígrafos com <h>. O grafema <h> seria, então, lido como sendo o fonema /h/ da língua. Isso ocorreria porque a língua Noke Koin apresenta quatro tipos silábicos: V, CV, VC e CVC; sendo a estrutura silábica (C)V(C), isso é, consoante - vogal - consoante⁴. Através dessa estrutura silábica, facilmente o dígrafo <nh> poderia ser erroneamente lido como coda da sílaba anterior numa palavra, pois se a sílaba anterior dessa palavra não apresentar coda, <n> seguirá na escrita obrigatoriamente uma vogal, que poderá ser tomada equivocadamente pelo leitor como um fone vocálico nasal.

O Noke Koin, todavia, apresenta em sua estrutura linguística uma regra fonológica que amenizaria a leitura de <nh> e <sh> ocorrer como coda. De acordo com Paula (1969?), /h/ só ocorre na língua no início de palavra. Dessa forma, a presença de <nh> e <sh> numa palavra seria menos facilmente confundida se <h> aparecer somente em posição inicial na palavra.

Tal dificuldade com dígrafos não aconteceria para <ch>, <ts> e <tx>. No caso de <ch>, isso se deve ao fato de <c> não ter permanecido na escrita como uma letra independente. Para os dois últimos dígrafos, a questão de não haver dificuldade na leitura está no fato de <t> jamais ocupar a posição de coda na língua Noke Koin, como descrevem todos os autores que trataram dos fonemas em coda nessa língua (ver OLIVEIRA, 1985a; AGUIAR 1985, 1988, 1994b, 2003; BARROS, 1987; FALCHI, AGUIAR, 2011; FALCHI, 2011, 2013).

Outro aspecto da escrita da Missão Novas Tribos que dificultaria o letramento é a falta de uniformidade quanto ao emprego do til ou do <n> no caso de fones vocálicos nasais. Nas primeiras cartilhas publicadas, a escrita é feita com emprego do til. Porém, nas cartilhas publicadas posteriormente (MISSÃO NOVAS TRIBOS, 1977a, 1977b), usa-se <n> para fones vocálicos nasais, proposta que é novamente alterada nas últimas cartilhas publicadas, sendo feita a adoção do til.

Quanto à possibilidade de escrita de nomes próprios com a inicial minúscula, deve-se considerar que, para os nomes próprios de pessoa, Lima (1997, p. 11) explica que, no sistema onomástico Noke Koin, “há nomes masculinos e femininos. Alguns deles referem-se a animais, plantas, fenômenos naturais e qualidades. Assim, para citar alguns exemplos, Shere significa periquito, Mani é banana, Kana é relâmpago e Koro é roxo”. Desse modo, o

⁴ Sobre sílaba no Noke Koin, ver Aguiar (1994b).

sentido durante a leitura necessitará ainda mais do contexto para que um antropônimo não seja tomado como tal pela ausência de maiúscula. Para Morais (1996, p. 77),

as complexidades da ortografia são certamente uma fonte de dificuldade para a criança que aprende a ler. Entretanto, elas não são uma razão maior de fracasso. Muitas crianças fracassam mesmo quando as palavras escritas estão em correspondência simples com os fonemas da língua, e distúrbios da leitura são observados mesmo em línguas que têm uma ortografia quase inteiramente regular. A razão principal de fracasso parece ser [...] a dificuldade para a criança da descoberta do fonema, chave da compreensão do princípio alfabético.

A seção que segue aborda acerca da leitura e da escrita em relação à cultura Noke Koin, buscando entender o significado dado por esses índios ao letramento.

4 O significado entre os Noke Koin da leitura e da escrita

Melià (1989, p. 10) coloca que a escrita pode ser vista pelos grupos indígenas de diversas formas:

a escrita como curiosidade, como jogo e divertimento; a escrita pela escrita; a escrita como pintura; a escrita como competência no uso de um recurso de branco, todas essas são experiências bastante comuns para quem participou do processo de introdução da escrita em uma sociedade indígena.

Pelo contato, os Noke Koin conheceram a escrita alfabética e, a partir dessa experiência, deram nome a esse universo. À “arte” de ler denominaram **kini-vana-kin**⁵.

Vana, como expõe Aguiar (1994b), corresponde a “idioma”, “história”. A linguista hipotetiza que **vana** tenha surgido da palavra para boca, **ana**. Desse modo, **v-** seria um prefixo para a formação de palavras na língua. Outra tradução para **vana**, segundo Lima (2000a), é “palavra”.

5 Verbo da língua Noke Koin retirado do glossário bilíngue que consta em Aguiar (1994b).

Quando próximo a morfemas temporais como **ai**, **vana** corresponde a um verbo, “falar”⁶, assim como propõe Aguiar (1994b). Como descreve a autora, no Noke Koin, as palavras assumem determinada classe por sua posição sintática, podendo ser nome ou verbo conforme o lugar em que ocupam na sentença. O morfema *-kin* em *kini-vana-kin* assume função parecida ao morfema *ai*. Assim, *vana* em *kini-vana-kin* corresponde ao verbo “falar”.

Na língua Noke Koin, “ler” seria, então, literalmente “falar kini”, já que nessa língua, como descrevem Oliveira (1985b), Barros (1987), Aguiar (1988, 1994b) e Falchi e Aguiar (2013b), a estrutura padrão é SVO. O objeto antecede o verbo, portanto.⁷

Kini é, conforme Bambilra (2012), a arte gráfica dos Noke Koin em utensílios domésticos, pinturas corporais, havendo pinturas específicas para homens e mulheres. Buscou-se um cognato para *kini* entre os Huni Kuin, um grupo Páno. Entre eles, como expõe Lagrou (1992), *kene* são desenhos que apresentam linhas labirínticas e geométricas, com padrão equilibrado e refinado, feitos apenas pelas índias.

“Ler” seria, para os Noke Koin, falar o desenho, transformar as linhas do desenho em fala. Para além de ser identificada como uma pintura, Melià (1989, p. 11) afirma que, nas aldeias de grupos indígenas, a magia da escrita se burocratiza quando ela entra na escola, e a escola é quase sempre o espaço do Estado e das instituições que o representam. O lugar físico, social e político que tem a escola na aldeia confunde-se facilmente com o lugar que ocupa o Estado nesse povo.

Lima (2000a) identifica entre muitos Noke Koin a noção de que a escola é algo do não índio, algo exterior ao grupo indígena e de que é tomada como um lugar de conhecimentos não indígenas, onde apenas devem ser ensinadas “coisas de branco”. Segundo Lima (2000a, p. 30), a existência da

dificuldade, sobretudo das mulheres e crianças, de interagirem em português sempre é destacada pelos próprios Katukina e fundamenta uma certa insatisfação com a adoção do ensino bilíngue nas escolas. O fato de os professores ensinarem também a língua nativa desagrada aos pais de algumas crianças e causa debates em reuniões sobre o

⁶ Dado também retirado do glossário de Aguiar (1994b).

⁷ Outras palavras desse tipo foram expostas por Falchi (2015) e estão em harmonia com a proposta da Morfologia Distribuída. Ademais, Basilio (2007, p. 34) traz que “a composição é um processo de formação de palavras que utiliza fragmentos de estruturas sintáticas para fins lexicais”.

funcionamento da escola na aldeia do rio Campinas. Muitos prefeririam ver os professores iniciarem seus filhos apenas ao aprendizado do português. A língua nativa eles próprios se encarregariam de ensinar. Na escola residem os saberes exteriores – essenciais nos dias de hoje –, vindo do mundo dos brancos, o que sustenta a ideia de que nela deveria ser veiculada exclusivamente a língua falada pelos brancos.

Aguiar (1994b) aponta que saber português e o conhecimento de outros valores pertencentes à cultura não índia poderia amenizar para os indígenas a manutenção do que sempre ocorreu na história de contato entre índios e não índios: a exploração do índio. O domínio desses saberes poderia mudar os rumos do que historicamente sempre aconteceu.

Os Noke Koin conferiram ao letramento em português um poder que alterou a própria estrutura política do grupo: o poder político deixou de estar com os antigos caciques ou mesmo com os xamãs e passou a se concentrar nas mãos de lideranças indígenas letradas no português, como os professores indígenas (MARTINS, 2006). Observa-se, portanto, que o letramento na língua do não índio alterou a própria dinâmica interna do grupo, gerando mudanças culturais entre os Noke Koin. Aguiar (1994b) aponta que a parcela bilíngue tinha no grupo a função de serem intermediários entre este e a sociedade nacional.

Práticas de leitura e escrita assumem gradativamente maior relevância dentro das aldeias Noke Koin. Melià (1989, p. 11) assinala que nos grupos indígenas

o desejo de alfabetização mal disfarça em muitos casos a vontade de possuir uma escola. Jogo perigoso, pois o espaço da aldeia acaba por ser invadido por uma realidade que logo reclama para si o status de uma verdadeira instituição. As consequências da instalação de uma escola precipitam-se como uma cachoeira de inúmeras quedas: escolha do lugar da escola, eleição de monitores e professores, estabelecimento de horários, às vezes separação por sexos... O funcionamento da escola é que estatiza, ou pelo menos condiciona o pensamento e a organização indígena, previamente e além do ensino da própria alfabetização.

Mesmo quando houve experiências de alfabetização por meios informais – mães alfabetizadas que alfabetizam os próprios filhos em casa ou rapazes que brincam de escrever no chão de areia... –, as exigências técnicas da alfabetização parecem conduzir ao interior da escola formal quase necessariamente.

Todavia, de acordo com Pimentel da Silva (2016, p. 56), “a escola é lugar excelente

para motivar a produção escrita em línguas indígenas desde que esteja inserida em políticas de valorização cultural”. A autora aponta que as línguas indígenas, ao serem usadas na escola como línguas de conhecimento e não somente como recurso pedagógico de tradução, passam a ter maior prestígio dentro do grupo indígena.

A autora destaca que a escrita vem efetivamente auxiliando grupos indígenas na busca de saberes da oralidade, ajudando na revitalização de línguas e culturas indígenas através do registro. Pimentel da Silva (2016, p. 52) diz que, para as línguas indígenas, “uma das reivindicações de uso da escrita é a de se constituir em um espaço memorial para guardar o patrimônio cultural, a criatividade dos povos indígenas, as riquezas das culturas e o conhecimento tradicional indígena sobre a natureza”.

Considerações finais

Pimentel da Silva (2016) coloca que um dos desafios do letramento indígena é o de fazer com que a escrita tenha o papel de vitalizar a oralidade da língua de tradição indígena. A escrita não deve formar uma dicotomia com a modalidade oral.

A elaboração da escrita pela Missão Novas Tribos foi um passo importante na história da leitura e da escrita entre os Noke Koin, infelizmente manchado pelo preconceito religioso dos missionários. Aos Noke Koin, resta ainda a tarefa de estabelecimento “definitivo” da escrita alfabética da língua indígena dentre as já elaboradas ou que estejam em elaboração. Para os grupos indígenas em geral, Melià (1989, p. 12-13) ressalta que

a participação dos índios na “criação” da própria ortografia facilita [...] o processo de alfabetização. [...] Esses modos um tanto empíricos, nos quais o relacionamento psicológico e social com a escrita determina fortemente as propostas ortográficas, caracterizam um trabalho que o diferencia daquele realizado, por exemplo, pelo Instituto Linguístico de Verano (SIL) e outras agências alfabetizadoras.

Referências

ABREU, Paulo Sérgio Reis de. *Diversidade linguística brasileira, as línguas Páno e suas características ergativas*. 2008. 336 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

- AGUIAR, Maria Suelí de. *Fonologia do Katukina*. Campinas, SP, 1985 (manuscrito).
- _____. *Aspectos da morfologia nominal da língua Katukina-Pano*. Campinas, SP, 1986 (manuscrito).
- _____. *Elementos de descrição sintática para uma gramática do Katukina*. 1988. 84 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1988. Disponível em: <<http://cutter.unicamp.br/document/?code=000036522>>. Acesso em: 31 mar. 2011.
- _____. Aspectos morfológicos do Katukina-Pano. In: SEMINÁRIO DO GEL, 41., 1993a, Ribeirão Preto. *Anais...* Ribeirão Preto: [s.n.], 1993a. p. 151-158. Disponível em: <http://www.gel.org.br/arquivo/anais/1308074186_19.aguiar_maria.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2015.
- _____. Proposta de um glossário Katukina-Pano. In: SEMINÁRIO DO GEL, 41., 1993b, Ribeirão Preto. *Anais...* Ribeirão Preto: [s.n.], 1993b. p. 38. Disponível em: <http://www.gel.org.br/arquivo/seminario/resumo/XLI%20Scan%203_1.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2015.
- _____. Los grupos nativos Katukina. *Amazonía Peruana*, Lima, t. 12, n. 23, p. 141-152, 1993c.
- _____. O Katukina e o parâmetro *pro-drop*. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, 9., 1994a, Caxambu. *Boletim informativo*. Brasília: [s.n.], 1994a. p. 379.
- _____. *Análise descritiva e teórica do Katukina-Pano*. 1994b. 405 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1994b. Disponível em: <<http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000076988>>. Acesso em: 18 mar. 2011.
- _____. Os empréstimos na língua Katukina. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E LÍNGUA PORTUGUESA, 1., 1995, Goiânia. *Anais...* Goiânia: [s.n.], 1995, p. 82-85.
- _____. Os constituintes de SN do Katukina. *Signótica*, Goiânia, v. 8, p. 81-90, jul./dez. 1996. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/sig/article/viewFile/7356/5223>>. Acesso em: 31 mar. 2011.

_____. *Estudos de aspectos sintáticos de algumas línguas Pano*. Quito, 1997 (manuscrito).

_____. El proceso de ampliación lexical en Katukina. In: JORNADAS INTERNACIONALES DE LENGUAS Y CULTURAS AMERINDIAS, 5., 1999, Valência. *Contacto interlingüístico e intercultural en el mundo hispano*. Valência: E. A. Liso, 2001a. p. 389-394.

_____. Algumas semelhanças entre o Vitxináwa (Katukina) e o japonês. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E LÍNGUA PORTUGUESA, 2., 2001b, Goiânia. *Anais...* Goiânia: Vieira, 2001b. p. 42-47.

_____. Estudo do SN Katukina-Pano. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DO GRUPO DE TRABALHO SOBRE LÍNGUAS INDÍGENAS DA ANPOLL, 1., 2001, Belém. *Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história*. Belém: EDUFPA, 2002. t. 2. p. 121-127.

AGUIAR, Maria Sueli de. A nasalidade em Katukina e em outras línguas Pano. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 193-210, dez. 2003.

_____. The Brazilian Panoan languages. In: WETZELS, Willem Leo (Ed.). *Language endangerment and endangered languages: linguistic and anthropological studies with special emphasis on the languages and cultures of the Andean-Amazonian border area*. Leiden: CNWS, 2007. p. 39-50.

_____. Os coordenadores de SN e SV do Katukina. In: COLÓQUIO DE PESQUISA E EXTENSÃO, 12., 2011, Goiânia. *XII Colóquio de Letras*. Goiânia: [s.n.], 2011. p. 148-149. Disponível em: <http://www.lettras.ufg.br/uploads/25/original_xiicoloquio.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2012.

BAMBIRRA, Vera Lúcia de Magalhães. *Tamākāyā: aproximações entre epistemologias e culturas*. 2012. 291 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

BARBOSA, Raphael Augusto Oliveira. *Aspectos tipológicos na formação de palavras em um grupo de línguas da família Pano*. 2012. 126 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2012. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000881782&opt=4>>. Acesso em: 12 mar. 2013.

BARROS, Luizete Guimarães. *A nasalização vocálica e fonologia introdutória à língua Katukína (Páno)*. 1987. 119 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1987. Disponível em: <<http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000043970>>. Acesso em: 18 mar. 2011.

BASILIO, Margarida. *Teoria lexical*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

CAMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

CORBERA MORI, Angel. Conteúdos lingüísticos e políticos na definição de ortografias das línguas indígenas. In: D'ANGELIS, Wilmar R.; VEIGA, Juracilda (org.). *Leitura e escrita em escolas indígenas: encontro de educação indígena no 10º COLE-1995*. Campinas, SP: ALB: Mercado de Letras, 1997. p. 23-33.

COULMAS, Florian. *The Blackwell encyclopedia of writing systems*. Malden: Blackwell, 1999.

FALCHI, Flávia Leonel; AGUIAR, Maria Suelí de. Fonêmica preliminar da língua Katukina (Páno). In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 63., 2011, Goiânia. *Anais...* Goiânia: [s.n.], 2011. p. 1-15. Disponível em: <http://www.sbpcnet.org.br/livro/63ra/conpeex/pibic/trabalhos/FLAVIA_L.PDF>. Acesso em: 1 mar. 2012.

FALCHI, Flávia Leonel; AGUIAR, Maria Suelí de. Língua Katukina (Páno): alguns processos fonológicos. In: COLÓQUIO DE PESQUISA E EXTENSÃO, 13., 2012a, Goiânia. *XII Colóquio de Letras*. Goiânia: [s.n.], 2012a. p. 18-19. Disponível em: <http://www.letras.ufg.br/uploads/25/original_Caderno_Colo%C3%8C_quio_2012.pdf?1336094173>. Acesso em: 9 ago. 2013.

_____. Formação de palavras na língua Katukina (Páno). In: CONGRESSO DE PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO, 9., 2012b, Goiânia. *Anais...* Goiânia: [s.n.], 2012b. p. 1539-1550. Disponível em: <http://eventos.ufg.br/SIEC/portalproec/sites/site5701/site/artigos/01_pibic/pibic_miolo-04.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2012.

_____. Língua Katukina (Páno): léxico e meio ambiente físico. In: COLÓQUIO NACIONAL DE LETRAS, 1., 2013a, Goiânia. *Anais...* Goiânia: [s.n.], 2013a. p. 101. Disponível em: <http://www.letras.ufg.br/uploads/25/original_2013_caderno_coloquio.pdf>. Acesso em: 9 ago. 2013.

_____. Sentenças declarativas, negativas e interrogativas do Katukina (Páno). In: CONGRESSO DE PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO, 10., 2013b, Goiânia. *Anais...* Goiânia: [s.n.], 2013b. p. 1583-1596. Disponível em: <http://eventos.ufg.br/SIEC/portalproec/sites/site7201/site/artigos/01_pibic/pibic_miolo_03.pdf>. Acesso em: 6 ago. 2014.

_____. Distribuição mitológica de antropônimos no Noke Koin. In: AGUIAR, Maria Sueli de; CASTRO, Maria Célia Dias de; DIAS, Ana Lourdes Cardoso (org.). *Onomástica e identidade do homem em seu meio*. Santarém, Portugal: Instituto Politécnico de Santarém, 2017. p. 241-265.

FALCHI, Flávia Leonel. Estrutura silábica da língua Katukina (Páno). In: ENCONTRO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE LETRAS, 32., 2011, Goiânia. *Caderno de resumos*. Goiânia: [s.n.], 2011. p. 68. Disponível em: <http://www.letras.ufg.br/uploads/25/original_Caderno_de_Resumos_ENEL_-_COMPLETO.pdf?1330319329>. Acesso em: 28 jun. 2012.

_____. *O campo semântico cinegético da língua Katukina (Páno)*. In: ENCONTRO REGIONAL DE ESTUDANTES DE LETRAS, 14., 2012, Barra do Garças. *Anais...* Barra do Garças: Ivan, 2012. p. 52-53.

_____. *Revisão fonêmica do Katukina Páno*. 2013. 70 f. Monografia (Bacharelado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

_____. *A aplicabilidade de conceitos de palavra à língua Noke Koĩ*. 2015. 94 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.

GÓES, Paulo Roberto Homem de. A natureza do saber: o lugar do conhecimento na práxis Katukina. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 116-145, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/viewFile/2560/1521>>. Acesso em: 30 mar. 2011.

_____. *Infinito povoado: domínios, chefes e lideranças em um grupo indígena do alto Juruá*. 2009. 185 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009. Disponível em: <www.neip.info/html/objects/_downloadblob.php?cod_blob=747>. Acesso em: 30 mar. 2011.

JARDIM, Luiz Marcelo. *Caminhando com os Noke Koĩ: trajetória histórica e mitológica de um povo Pano*. 2007. 46 f. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Departamento de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2007.

KATO, Mary A. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.

LAGROU, Elsje Maria. Uma experiência visceral. In: GROSSI, Miriam Pillar (Org.). *Trabalho de campo & subjetividade*. Florianópolis: Claudia Lago, 1992. p. 19-40.

LANES, Elder José. *Mudança fonológica em línguas da família Pano*. 2000. 219 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

_____. *Aspectos da mudança linguística em um conjunto de línguas amazônicas: as línguas Pano*. 2005. 358 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

LIMA, Edilene Coffaci de. A onomástica Katukina é Pano? *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 7-30, 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ra/v40n2/3230.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2011.

_____. *Com os olhos da serpente: homens, animais e espíritos nas concepções Katukina sobre a natureza*. 2000a. 238 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000a.

_____. *Revisão do componente indígena do EIA-RIMA da BR-364 (Rodrigues Alves - Tarauacá): os Katukina das terras indígenas do rio Campinas e do rio Gregório (versão preliminar)*. Curitiba, 2000b (manuscrito).

MARTINS, Homero Moro. *Os Katukina e o kampô: aspectos etnográficos da construção de um projeto de acesso a conhecimentos tradicionais*. 2006. 169 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em: <http://bdt.d.bce.unb.br/tesdesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=407>. Acesso em: 18 mar. 2011.

MELIÀ, Bartomeu. Desafios e tendências na alfabetização em língua indígena. In: EMIRI, Loretta; MONSERRAT, Ruth (org.). *A conquista da escrita*. São Paulo: Iluminuras, 1989. p. 9-16.

MISSÃO NOVAS TRIBOS. *Catuquina: quarta cartilha*. Manaus, 1975a.

_____. *Katukina: cartilha nº 3*. Manaus, 1975b.

_____. *Katukina*: cartilha nº 1. Manaus, 1977a.

_____. *Katukina*: cartilha nº 2. Manaus, 1977b.

_____. *Katukina*: cartilha nº 1. Manaus, 1982a.

_____. *Katukina*: cartilha nº 2. Manaus, 1982b.

_____. *Katukina*: cartilha nº 3. Manaus, 1982c.

_____. *Katukina*: cartilha nº 4. Manaus, 1982d.

MONTE, Nietta L. Escolas formais – agências mediadoras. In: CABRAL, Ana Suely A. C.; MONSERRAT, Ruth; MONTE, Nietta L. (org.). *Por uma educação indígena diferenciada*. Brasília: C.N.R.C.: FNPM, 1987. p. 11-15.

MORAIS, José. *A arte de ler*. São Paulo: UNESP, 1996.

_____. *Alfabetizar em democracia*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2013.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. Campinas, SP, 1985a (manuscrito).

_____. *Aspectos da morfologia verbal da língua Katukina - Pano*. Campinas, SP, 1985b (manuscrito).

PAULA, Ruth Wallace de Garcia. *Caderno Kaxuyâna (Karib); Katukina (Pano); Tiryó (Karib)*. [S.l.], 1969? (manuscrito).

PIMENTEL DA SILVA, Maria do Socorro. Possibilidade de letramento em línguas indígenas. *Articulando e Construindo Saberes*, Goiânia, v.1, n.1, p. 51-63, 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/racs/article/view/42997>>. Acesso em: 24 abr. 2018.

RIVET, Paul. Les Katukina: étude linguistique. *Journal de la Société des Américanistes de Paris*, Paris, t. 12, p. 83-89, 1920.

RIVET, Paul; TASTEVIN, Constant. Les dialectes Pano du haut Juruá et du haut Purús. *Anthropos*, Paris, n. 22, p. 811-827, 1927.

_____. Les dialectes Pano du haut Juruá et du haut Purús. *Anthropos*, Paris, n. 24, p. 489-516, 1929.

ROSA, Maria Carlota. *Uma língua africana no Brasil colônia de seiscentos: o quimbundo ou língua de Angola na Arte de Pedro Dias*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

FLÁVIA LEONEL FALCHI

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES). Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Curso Bacharelado em Estudos Linguísticos por essa mesma universidade. CV: <http://lattes.cnpq.br/2531569993797797>. E-mail: flavialfalchi@gmail.com.